



NOTICÁRIO ATUALIZADO
www.jn.pt/sociedade



Mais lida
**Doença de pele tratada
com vestuário inteligente**
www.jn.pt/sociedade

Vídeo
Pescas
Tecnologia que pode salvar vidas
www.jn.pt/multimedia



SOCIEDADE EVIDA

Má organização atrasa cirurgias de epilepsia

Coimbra suspendeu temporariamente programa financiado pelo Alto-Comissariado da Saúde

CLARA VASCONCELOS
clara@jn.pt

A falta de capacidade de resposta dos hospitais está a dificultar a implementação do programa de cirurgia da epilepsia, assinado entre a o Alto-Comissariado da Saúde e quatro hospitais de Lisboa, Porto e Coimbra.

Nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) optou-se mesmo por interromper o programa e retomá-lo apenas no próximo ano. "Houve efectivamente uma paragem temporária para reorganizar a capacidade de resposta", assume o gabinete de Imprensa dos HUC, garantindo que foram feitas sete das 25 cirurgias previstas para este ano.

Os dois hospitais de Lisboa abrangidos pelo programa (Lisboa Ocidental e Lisboa Norte) realizaram 30 cirurgias e o do Porto efectuou 18.

"Só para doentes novos, devíamos fazer entre 75 a 100 cirurgias por ano e o melhor que conseguimos foi 18", diz José Manuel Lopes Lima, neurologista do Centro Hospitalar do Porto e presidente da Liga Portuguesa Contra a Epilepsia.

O médico salienta que se trata de uma intervenção que envolve "uma série de serviços" dentro do mesmo hospital e os profissionais de saúde "estão habituados a trabalhar cada um para seu lado". Lopes Lima apela a um envolvimento das próprias administrações para que as cirurgias possam ser realizadas.

Actualmente existirão 2500 doentes a precisar de uma intervenção cirúrgica. O programa protocolado com a Alto Comissariado da Saúde é para renovar no próximo ano, no caso dos hospitais que cumpriram os contratos, e para prosseguir, no caso de Coimbra.

Em 2009 foram contratualizadas 78 intervenções, o que implicou uma verba de 780 mil euros. Mas até Novembro passado, foram realizadas apenas 55 operações. Com uma melhor organização dos serviços, este número po-



JOSÉ MOTA

Actualmente há cerca de 2500 pessoas com epilepsia a precisar de uma intervenção cirúrgica

Como lidar com uma crise

50
mil portugueses
sofrem
de epilepsia

■ Deitar de lado

Perante uma pessoa em pleno ataque epilético deve-se deitá-la de lado.

■ Proteger a cabeça

As convulsões poderão traumatizar a cabeça do doente se a mesma não estiver protegida.

■ Desapertar cintos

Ao doente devem ser retirados os óculos, caso os tenha, e desapertados gravatas, camisas e cintos.

■ Hospitalização

Os ataques demoram menos de cinco minutos, pelo que a hospitalização só é

necessária se esse período for ultrapassado.

■ Objectos

Nunca coloque objectos na boca do doente que esteja a ter uma crise nem tente impedir os movimentos provocados pelas convulsões.

deria ser muito maior e recuperado "o atraso" em que nos encontramos nesta matéria, de acordo com o presidente da Liga Portuguesa Contra a Epilepsia.

Quando o programa foi negociado discutiu-se se deveria mobilizar-se apenas um centro hospitalar para a realização das cirurgias, com toda a organização a que tal obrigaria, ou distribuir a realização das cirurgias por vários hospitais. A ministra da Saúde, Ana Jorge, optou por esta segunda via. Coimbra não conseguiu organizar-se "e os outros têm tido muitas dificuldades", constata Lopes Lima.

Calcula-se que, em cada mil portugueses, quatro a sete sofram de epilepsia. Em 65% dos casos a doença é controlada através de medicação. Só os doentes que não reagem à medicação (cerca de 25%) é que podem ser sujeitos a

Qualquer pessoa pode ter uma crise de epilepsia, o que não significa que sofra da doença

uma intervenção cirúrgica. E mesmo nesses é necessária uma avaliação cuidada por parte dos médicos e uma resposta diferente consoante o caso.

Não reagindo à medicação, os doentes mantêm os ataques, o que lhes condiciona a vida e os impede de conduzir, por exemplo, ou os inibe de frequentar a escola, com "medo" de poder ter uma crise em plena aula. Daí a importância da cirurgia. As crises epiléticas são provocadas por uma actividade eléctrica anormal do cérebro. A cirurgia consiste na remoção dessa zona cerebral.

Qualquer pessoa pode ter uma crise de epilepsia o que não significa que seja portador da doença. Essas crises isoladas podem ser causadas por um choque eléctrico, deficiência em oxigénio, traumatismo craniano, baixa de açúcar no sangue, privação de álcool ou excesso de cocaína. ■